

# A ECONOMIA INFORMAL NA GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO SOBRE TRABALHO DE *MINDJERIS BIDERAS*<sup>1 2</sup>

Reginalda Cabral Imbundé Sanhá<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente trabalho pretende averiguar o setor da economia informal na Guiné-Bissau, o que é ser *mindjer bidera*; o porquê de algumas mulheres escolherem este tipo de trabalho e também entender como a contribuição das *mindjeris bideras* afetam o crescimento econômico. O que não se limita apenas à sobrevivência de famílias, mas também contribui para desenvolvimento socioeconômico do país. Visto que, muitas famílias têm esse trabalho como sua principal fonte de renda. Deste modo, é de suma importância trazer as dificuldades que estas mulheres enfrentam no seu dia a dia. Portanto, a metodologia da pesquisa se foca numa abordagem qualitativa descritiva e que tem como método de pesquisa as entrevistas e coleta dos dados para assim analisar melhor as contribuições das *mindjeris bideras* para sociedade guineense. Este trabalho tem como fundamento teórico o trabalho informal realizado pelas mulheres e partindo do pressuposto de que o trabalho das *mindjeris bideras* é praticamente o alicerce de muitas famílias guineenses. Assim, para reforçar a declaração previamente feita, trarei as falas de outras mulheres entrevistadas ao longo deste trabalho.

**Palavras-chave:** trabalho informal; mulheres - Guiné-Bissau - condições sociais.

## ABSTRACT

The present work aims to investigate the informal economy sector in Guinea-Bissau, what it means to be *mindjer bidera*; why some women choose this type of work and also understand how the contribution of *mindjeris bideras* affect economic growth. This is not limited only to the survival of families, but also contributes to the socioeconomic development of the country. Since, many families have this work as their main source of income. Thus, it is of paramount importance to bring up the difficulties that these women face in their daily lives. Therefore, the research methodology focuses on a descriptive qualitative approach and has as a research method the interviews and data collection in order to better analyze the contributions of *mindjeris bideras* to Guinean society. This work is based on the informal work performed by women and based on the assumption that the work of *mindjeris bideras* is practically the foundation of many Guinean families. Thus, to reinforce the statement previously made, I will bring the statements of other women interviewed throughout this work.

**Keywords:** informal work; women - Guinea-Bissau - social conditions.

---

<sup>1</sup> *Mindjer bidera*: mulher que tem como principal fonte de renda compra dos produtos com a intenção de revender e, neste termo também podem entrar donas de horta (pequenas produtoras) que acabam vendendo os alimentos cultivados.

<sup>2</sup> Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Dourado Bueno.

<sup>3</sup> Bacharela em Humanidades e graduanda na Licenciatura em Ciências Sociais pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a economia informal na Guiné-Bissau e conta com foco específico, no trabalho das *mindjeris bideras* de diferentes grupos étnicos. Quando cheguei na Unilab em 2018, estava meio perdida quando ouvi falar de TCC, mas aí numa das aulas da metodologia I a professora falou que pesquisar<sup>4</sup> e escrever sobre um tema não é tão difícil, só preciso gostar do que quero tratar e ter vontade de falar sobre, é assim que surgiu este tema pra mim. Me senti na obrigação de trabalhar este tema não só porque tenho orgulho de falar do trabalho da minha mãe e da minha irmã, mas também é minha escrevivência e se eu não falar, quem mais falaria?

**Imagem 1** - Mulher bidera de *kusa sinhus*<sup>5</sup>



Fonte: Noemia Saraiva (2024).

Como já havia sido abordado por mim no meu trabalho a qual estou dando sequência, e por muitos outros pesquisadores que trarei no desenrolar da minha escrita; o trabalho das

---

<sup>4</sup> Este trabalho é a continuação do meu Trabalho de conclusão de curso, apresentado como projeto de pesquisa ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês em 2019. Agora é trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, com a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Dourado Bueno em formato de artigo.

<sup>5</sup> *Kusa sinhus*: legumes, verduras e outros.

*mindjeris bideras* não está recebendo o devido valor, mesmo que seus esforços ajudem/tenham ajudado na diminuição da alta taxa de pobreza no país. O artigo da minha outra conterrânea Rosiani Martins (2022), no trabalho dela sobre *participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia do país* mostra o quanto as contribuições de nossas mães, irmãs, tias, primas, etc. são importantes e benéficas para o desenvolvimento do nosso país; não só pela sobrevivência das famílias em si, mas também pela saúde, educação e alimentação.

Ao se falar da Guiné-Bissau é de suma importância que se faça uma apresentação geográfica da mesma. A Guiné-Bissau é um país situado no oeste da África e faz fronteira ao norte com o Senegal, ao leste e sul com a Guiné-Conakry, a zona oeste são banhadas pelo oceano atlântico é composta pelo arquipélago dos Bijagós, com 88 ilhas. Este pequeno país africano conta com um território nacional de 36.125 km<sup>2</sup> e uma população de cerca de 1,9 milhão, de acordo com a atualização de outubro de 2024 do Banco Mundial.

O país é dividido em três (3) províncias, oito (8) regiões administrativas e um setor autônomo (a capital do país). Importante ressaltar que o país em questão foi uma das colônias de Portugal desde 1558 até 1973 data da sua independência. Apesar de ser pequeno e um dos mais pobres e frágeis do mundo segundo o Banco Mundial (2024). A Guiné-Bissau fez crescer o PIB do país em 4,3% em 2023, acima dos 4,2% em 2022, mesmo com as dificuldades econômicas e políticas, através de uma dinâmica renovada na agricultura com a produção de arroz, de acordo com as informações obtidas através do site do Banco Africano de Desenvolvimento (2024). Desta forma, pode-se dizer que a agricultura é a base econômica do país.

A Guiné-Bissau abriga uma enorme variedade de grupos étnicos, entre eles: *mancanhas, balantas, fulas, mandingas, bijagós, biafadas, manjacos, pepel, felupes, mansoncas, nalus, sussus, etc.* Cada grupo étnico tem a sua cultura, estrutura social e sua língua nativa, além do crioulo e do português que é o idioma oficial. Lembrando também que o país é laico e que há várias religiões na Guiné-Bissau. Ou seja, a Guiné-Bissau é um país com uma grande diversidade cultural.

Para a realização deste trabalho foi feita uma pesquisa de campo através de uma abordagem qualitativa descritiva. O método usado são as entrevistas semi-estruturadas e coleta dos dados, o que nos ajudará a analisar melhor as contribuições das *mindjeris bideras* para sociedade guineense. Vale salientar que, fiz um treinamento com a pessoa que realizou as entrevistas pois a maior parte das entrevistas foram realizadas no meu país. Assim, todo o processo das entrevistas foram supervisionadas por mim. É importante ressaltar que todas as

entrevistas foram realizadas em Criolo pelo celular através de videochamadas, chamadas telefônicas e mensagens de áudio a transcrição e a tradução para o português também foram feitas por mim.

Lembrando que as entrevistas ocorreram em Bissau nos locais de trabalho dessas mulheres e em três feiras diferentes (Caracol, Tambarina e Feira de São Paulo), a feira de Caracol fica localizada no bairro de Bandim, Tambarina em Mindará e feira de São Paulo localizada no bairro de São Paulo. Foram entrevistadas nove mulheres ao todo, com idade compreendida entre 20 e 65 anos, e por este motivo as respostas podem variar de uma entrevistada para outra dependendo de suas experiências, o que podem ser consideradas únicas. No decorrer do trabalho serão abordados tópicos como economia informal, mindjeris bideras, as contribuições da mindjeris bideras para o crescimento econômico da Guiné-Bissau e por fim as considerações finais e as referências consultadas na execução deste trabalho.

## **2 ECONOMIA INFORMAL**

A economia informal é um tópico que vem sendo levantado por muitos autores africanos e que pode ser vista como uma forma de se distanciar das definições impostas pelo eurocentrismo. E, alguns deles, como João Mosca que ao invés de discordar veementemente com os estudiosos guiados pelo eurocentrismo, ele relata o surgimento da economia informal assim como comércio foram adotados pelos pobres que não tinham uma outra forma de sobreviver pois o trabalho formal já não dava mais conta e isso acontece quando não há ajustamentos estruturais nas políticas o que afeta diretamente a sociedade causando assim a pobreza que pode vir a durar por muito tempo (Mosca, 2009).

Sendo assim, é importante salientar que “setor informal representa uma grande parte na geração de renda para uma parte significativa da população” (Barbosa, 2011); principalmente nos países pobres como é o caso da Guiné-Bissau e, países em vias de desenvolvimento, porém, o Estado muitas das vezes vê para o setor informal como uma forma não tão digna de acumulação de riquezas. Visto que as contribuições das mindjeris bideras do mercado informal nem sequer são levadas em consideração quando se trata da acumulação de riqueza do país. Desta forma, não tem como negar que “as populações miseráveis e desprotegidas que o Estado criou ao longo de vários decênios de ineficiência, o direito ao trabalho e o direito ao progresso” (Prado, 1991, p. 16).

Falando do mercado informal, Vieira (2023) crítica essa denominação em seu trabalho intitulado *economia do cotidiano: críticas as denominações eurocêntricas de categorias de trabalho na Guiné-Bissau* onde trouxe autores que mostram o perigo de universalizar a definição da informalidade. Que de acordo com João Mosca:

são todas as relações de natureza econômica, jurídica, sociais ou burocráticas que não estando reguladas parcial ou totalmente, existem e fazem parte das regras de funcionamento da sociedade e contribuem para que os padrões de reprodução da sociedade e economia persistam. Define-se neste trabalho por padrão de acumulação ao modo que se realiza e é apropriada a riqueza, como se distribui, os mecanismos de transferência intersectorial de valor, como é utilizada (principalmente em investimentos e no consumo), que relações sociais sustentam e reproduzem e como o poder participa, integra-se, facilita ou dificulta a acumulação. (Mosca, 2009, p. 5).

Pois o rápido crescimento da economia informal (nem tanto assim, já que o assunto vem sendo discutido desde o início dos anos 70) como meio de sobrevivência de famílias com baixa renda em diferentes lugares faz com que autores e pesquisadores como Lopes (2006) e Cunha (2021) (lembrando que esses dois trabalharam especificamente o setor informal da capital angolana) e outros citados no trabalho de Peres (2015) comecem a pensar numa redefinição ao conceito da informalidade e o porquê é importante levar em consideração quem fala e de onde está falando.

Porque o mundo está em constante evolução e o mercado de trabalho não ficou por trás o que explica a necessidade de uma nova abordagem denominada informalidade. Deve ser por isso que quando fui entrevistar minha mãe, ela me perguntou o que eu queria dizer com economia informal. A propósito, ela já sabia do tema do meu trabalho porque é o mesmo de BIH, então ela não era leiga no assunto. Ela só queria saber o porquê do termo informal entrar ali se eu disse que queria escrever sobre o trabalho dela e da minha irmã.

Mas vamos deixar a informalidade de lado e focar na palavra ou termo que a acompanha: **trabalho**. Até este exato momento já deve estar claro que independentemente de lugar ou tempo ao se tratar do mercado de trabalho num mundo dominado pelo capitalismo e principalmente quando este mercado envolve mulheres; sempre vamos ver fatores como: exploração, desigualdade de gênero (sem querer ser repetitiva), vulnerabilidade socioeconômica, precarização, etc. Ressaltando, quando falo de lugar ou tempo, da exploração ou da desigualdade de gênero no mercado de trabalho, não me refiro apenas a sociedade guineense até porque esta não é a única que enfrenta estes contratempos. Como já havia dito, o mundo continua mudando e o mercado de trabalho também. Se não, vejamos:

nessa denominação, já está subjacente a compreensão de que o sistema capitalista, em seu desenvolvimento histórico, sofreu transformações significativas – especialmente no campo do trabalho e das lutas dos trabalhadores – que redefiniram a sua configuração, mesmo que mantivessem sua essência como um sistema cujas relações sociais se assentam sobre o trabalho assalariado, ou seja, pela apropriação do trabalho pelo capital, através da compra e venda da força de trabalho no mercado, independentemente das formas de contrato existentes ou predominantes. Assim, é o processo de acumulação ilimitada de capital que comanda a sociedade, numa busca insaciável pelo lucro, pela produção do excedente, cada vez mais estimulada pela concorrência intercapitalista no plano mundial (Druck, 2011, p. 41).

Com enfoque no capitalismo e a mudança no mercado de trabalho, as contribuições de Gonzalez (2020) são necessárias para o melhor entendimento do papel da mulher negra no Brasil e na América Latina. Lembrando que este é um caso específico, me debruço sobre a mulher negra porque não se trata apenas da questão de gênero, mas também entra a questão da etnicidade o que torna a população negra os mais desempregados.

Segundo Gonzalez (2020), logo após a abolição foi incumbida a mulher o papel de ser vigia mestra da comunidade, tornando assim responsável pelos demais membros da família. Lembrando que, além de cuidar de sua casa, ela também tem que trabalhar fora saindo de manhã e muitas das vezes volta só a noite, duplicando assim a sua jornada de trabalho. Ou seja, trabalham mais do que ganham e muitas destas mulheres só conseguem atingir o nível de escolaridade fundamental, dificultando a entrada da mulher no mercado formal.

No que se refere a precarização do trabalho com base no alto índice do analfabetismo pode-se dizer que países como Guiné-Bissau e Angola têm esse fator assim como o Brasil. Pois já foram discutidos pelos autores que estou trabalhando e muitos outros. E este índice pode ter sido a causa pela qual muitas mulheres guineenses entram no mercado informal como *bideras*.

De acordo com Janete Cá (2024), ela começou a vender por desespero e era muito nova na altura, foi logo depois de casamento aos 17 anos precisando assim largar a escola e criar sua família, mas o marido também era novo e o dinheiro que ele ganhava não dava para cobrir os gastos então ela ia ajudar a sogra que já era bidera e como estava grávida a sogra não a deixava ficar muito na feira e depois que seu primeiro filho nasceu ela decidiu se focar mais neste trabalho com um único objetivo: para que seus filhos possam ter uma educação diferente da que ela teve e ela afirma não ter nenhum arrependimento sobre as decisões que tomou na educação dos filhos. Como *bidera*, mesmo que as coisas não tenham sido como antes, Cá viu as mudanças acontecerem bem na frente dos seus olhos e segundo ela:

*Eu posso afirmar que tem muita diferença de quando comecei até agora, antes era mais fácil conseguir mercadorias. Porque tem um certo grupo de mulheres que só*

*iam nos lumos<sup>6</sup> comprar produtos a grosso e vendiam para nós que só ficávamos aqui na feira então tínhamos como revender para tirar o dinheiro e conseguir lucro que muitas das vezes era igual ou maior que o valor da compra. Mas agora, todas elas entraram para feira, mas ainda vão aos lumos chegam aqui e vendem com a gente é claro que os produtos delas vão sair mais porque elas compram a grosso mesmo vendendo pela metade do preço de que nós colocamos, elas ainda conseguem ter mais retorno do que nós que compramos nas mãos delas ou de reguaduris<sup>7</sup> para revender. Isso tornou nosso trabalho mais difícil ainda. É por isso, que estou pensando em parar; as crianças já estão crescidas duas delas até já se formaram e casaram, uma mora no exterior e minha caçula terminou o colégio este ano. E já que ela quer ir morar com o irmão no exterior, trabalhei por muito tempo, acho que está na hora de descansar. Quando ela for será só eu e meu marido e o espaço que sobrou da nossa casa agora é usado como feira. Então não preciso me preocupar em pagar aluguel e muito menos as mensalidades da escola. (Cá, Tambarina: 21 de outubro de 2024)*

Cá assim como todas as mindjeris bideras têm uma forte opinião sobre a importância da educação e principalmente quando se trata da educação dos filhos. As que mais insistem nisso com os filhos são as que por algum motivo não conseguiram terminar os seus estudos. E por isso, querem que os filhos tenham outro tipo de trabalho muito diferente daqueles que elas tiveram. Por isso, muitas delas colocam os filhos nas escolas privadas.

### 3 MINDJERIS BIDERAS

Para falar de mindjeris bideras é necessário entender o conceito da mulher, mas fica um pouco difícil falar só da mulher sem abordar a questão do gênero. Uma vez que pesquisadoras feministas usam este termo como meio para entender e explicar a submissão e humilhação que as mulheres passam. De acordo com Fadden (2016), o sistema patriarcal que insiste em colocar as mulheres nos papéis e deveres normalizados pela sociedade (como ser mãe e dona de casa) coisas outrora consideradas femininas desapareceram com a invenção de gênero e sua afirmação de que não se trata de sexo, mas sim dos locais e práticas de exploração e exclusão da mulheres no lugar de poder. Importante lembrar que gênero nada mais é do que uma construção social (Oyewumi, 1997).

Mas o que seria mindjer bidera? Esta é uma pergunta entre outras que será respondida no próximo tópico pelas mulheres que praticam esta atividade como sua única fonte de renda, mas antes disso, trarei as contribuições de uma pesquisadora muito conhecida nesse meio que culpa os governantes guineenses pela falta da organização logo após a luta de libertação

---

<sup>6</sup> *Lumo*: feira aberta (acontecem mais nas regiões do país longe da capital), onde as bideras podem comprar produtos a grosso para revender.

<sup>7</sup> *Reguaduris*: mulheres que têm uma pequena plantação de legumes, verduras e até frutas.

nacional e também na implementação da democracia. Segundo Gomes (2012), esta falha estratégica fez com que muitas famílias viviam no que podemos chamar de pobreza extrema; o desespero e a luta pela sobrevivência fizeram com que muitas mulheres entrassem nesse processo de compra e venda como alternativa para ganhar o sustento dos filhos e algumas dessas mulheres se tornaram *reguaduris* em *jericó*, *cuntum*, *granja*<sup>8</sup>, etc. Repare bem, ela falou muitas, o que dá a impressão de que as mulheres já faziam este trabalho.

Mas, como será que estas mudanças afetaram as outras mulheres que já viviam/sobreviviam deste trabalho antes de tudo isso? Esta é umas das questões que me fazem sempre voltar para o texto para ver se falta alguma coisa; só que as informações que tenho vieram por parte da minha família e só vai até a tia-avó da minha mãe que era bidera (ela mesma cultivava os produtos no quintal da casa) e ensinou este trabalho a tia da minha mãe e esta por sua vez ensinou a minha mãe; só que diferente delas, a minha não cultivava os produtos que vendia. Ela comprava e revendia na feira de caracol assim como minha irmã faz agora. Mas ainda tenho dúvida em relação a minha família. Digo, o que será que a mãe da tia-avó da minha mãe fazia? Ela também cultivava e vendia como a filha, ou só cultivava, ou era dona de casa?

Estas inquietações me fizeram questionar qual é o papel da mulher na sociedade guineense e principalmente o papel da *mindjer bidera*. Deste modo, decidi pesquisar um pouco mais a fundo as atividades realizadas pelas *mindjeris bideras* e as contribuições das mulheres no desenvolvimento do país. Apesar de eu nunca ter sido alheia a este tópico (mercado informal e *mindjer bidera*), eu sempre tive minhas dúvidas e inquietação que foram esclarecidas durante a pesquisa e escrita deste artigo.

Como já havia sido colocado, as entrevistas ocorreram em três feiras diferentes como mulheres de faixa etária diferentes, então é possível notar que algumas entrevistadas têm similaridades nas suas falas enquanto que outras dão respostas completamente diferentes. O que vai depender muito de seu modo de viver, sua estrutura social, cultura, e ou então a questão geracional.

---

<sup>8</sup> Jericó, cuntum e granja: bairros em Bissau onde maior parte das mulheres *reguaduris* fazem suas plantações.

**Imagem 2** - Três mindjeris bideras e podem ser percebidas uma grande diferença de idade entre as duas da direita e uma de esquerda (Obs: captura de tela do meu celular)



Fontes: documentário fidjus de bidera disp. no youtube e vida.org.pt

É comum escutar discussões entre a antiga e a nova geração de bideras e a maioria termina assim: "*Essas bideras de 7 de junho não sabem pelo que a gente teve que passar para se estabelecer*". O que na fala da tia Lourdes significava: “nossas mães e nós precisávamos disso, era o único jeito de sobreviver” (Lourdes, 2024). Mas para as mindjeris bideras que ela chamou de “*bideras de 7 de junho*”, que são as que tinham um emprego formal uma vida estável na sua maioria, e só começaram a vender porque a capital do país estava enfrentando uma guerra civil e como elas eram refugiadas com familiares e amigos que viviam nas regiões um pouco distante de onde estava acontecendo a guerra. Algumas delas começaram a vender pelo tédio de ficar dias e dias sem fazer nada, pelo menos foi o que Mana Pique disse e deve ser por isso que a tia Lourdes e outras mulheres mais velhas não as levam a sério.

Importante salientar que depois da luta armada que terminou em 1973 com a independência da Guiné-Bissau, o país passou por uma guerra civil que teve início no dia 7 de junho de 1998. Esse ocorrido impactou profundamente o convívio social da população e deixou uma grande quebra na economia nacional. Isso obrigou muitas famílias a se adaptar às condições disponíveis naquele período.

#### 4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS *MINDJERIS BIDERAS* PARA O CRESCIMENTO ECONÓMICO DA GUINÉ-BISSAU

Ao falarmos da contribuição das *mindjeris bideras* para o crescimento económico, é necessário analisarmos a participação das mulheres guineenses em geral no desenvolvimento social do nosso país e porque algumas escolhem este tipo de trabalho. Em seu trabalho, Martins (2022) levantou muitas questões relacionadas ao trabalho das *mindjeris bideras* principalmente o porquê da desvalorização deste trabalho; da desigualdade de género ao se tratar da inserção de mulheres no mercado de trabalho no país; o motivo pelo qual as mulheres se optam pelo mercado informal, já que muitas delas olham para este trabalho como a única saída para a manutenção de suas famílias.

A participação das *mindjeris bideras* no crescimento económico da Guiné-Bissau é um assunto que está chamando atenção de estudiosos guineenses de algumas áreas de conhecimento tais como: ciências sociais, economia e gestão, antropologia cultural e social, e administração. Na área de ciências sociais temos o trabalho do Professor Paulo Vaz que em sua tese de doutorado intitulado *as sacoleiras a serviço do capital: um estudo sobre as africanas nos circuitos globais de mercadorias* (2018) abordou a situação das zunguiras de Angola e as *bideras* de Guiné-Bissau. Na administração, podemos contar com o trabalho de Ilda Sanca intitulado *a inserção das mulheres no mercado do trabalho na Guiné-Bissau* (2014). Na área da antropologia cultural e social temos o trabalho de Maria Manuela Domingues intitulado: *Estratégias femininas entre bideras de Bissau* (2000). E no campo da economia e gestão tem o trabalho da Cátia Sofia Lopes de 2011 intitulado *O papel da mulher no microcrédito na Guiné-Bissau – estudo de caso em Pitche e em Pirada*.

Desta forma, ficou claro o quão importante são as contribuições das mulheres para nosso país. E como essas contribuições afetam diretamente áreas como: saúde, educação, alimentação, economia, entre outras. Mas então, o que é ser *bidera*? As respostas variam de uma entrevistada para outra dependendo das suas motivações para começar a vender ou dos objetivos que desejam alcançar. Então, em resumo; a maioria mencionou que era um jeito de resolver seus problemas sem precisar pedir a ajuda de ninguém. Vale ressaltar que as mesmas perguntas foram feitas para diferentes tipos de *bideras*, desde as *bideras* de *kusa sinhus* até *bideras* de peixe, feijão, amendoim, arroz, etc. Mas de acordo com Dona Augusta Cabral (minha mãe):

*Ser bidera para mim ou para minha tia era igual a ser mancanha, esse trabalho se tornou parte de mim, da nossa vida, cultura e tradição e é por causa dele que você está onde está agora. Então agradeço a Deus por ter me dado força para continuar,*

*assim você não precisará fazer este trabalho, não é que eu tenha vergonha do que faço, mas é que este trabalho é difícil demais e eu não quero que você precise se passar por isso. Também não queria que sua irmã começasse a vender, mas ela vinha me ajudar nos finais de semana e quando me dei conta ela já aprendeu a comprar produtos e como vendê-los para recuperar o dinheiro usado e ainda conseguir tirar lucro [...] (Cabral, a entrevista foi feita por mim através de videochamada em 26 de julho de 2022. Mas ela vendia em Caracol)*

Além de ser bidera, muitas entrevistadas afirmam ter feito um ou dois trabalhos antes de começar a vender, mas tem outras que cresceram vendo as mães ou as tias fazendo esse trabalho e continuaram a fazê-lo; é tipo uma tradição familiar conforme especificado na história que minha mãe contou sobre as mulheres da nossa família e também na sua resposta quando perguntada o que ser bidera significava para ela. Quanto às outras mulheres, trarei dois trechos das entrevistas de outras mulheres só para ver e compreender as diferenças entre elas.

*Já trabalhei como empregada doméstica, também lavava e passava roupa para outras pessoas, mas era muita humilhação e desrespeito e as clientes só reclamavam e quando chegava a hora de pagar pelo serviço inventam muitas desculpas e outros acabam não pagando. Vendo esta situação, uma amiga me chamou uma vez para acompanhá-la ao lumo de Bula e como não tinha nada para fazer e era ela quem ia pagar pelo transporte (riso) então eu fui. Fui com a intenção de ajudar uma amiga que precisava de mim mesmo sabendo que não estava em condições de pagar pelo meu transporte. Só que, eu não esperava que ela ia comprar tanto produto, só percebi o que estava acontecendo quando voltamos para Bissau e eu estava ajudando-a a separar os produtos, quando uma pessoa chegou perto de mim perguntando se aqueles produtos eram meus e respondi que não, porque não eram meus, mas minha amiga respondeu que eram meus e que eu era a irmã de quem ela tinha falado. [...]. Quando terminamos ela fez as contas, lembro dela ter separado e deu para uma mulher que estava lá foi perto e o mesmo valor um homem (fui saber depois que a mulher era a dona do espaço e o homem era funcionário de câmara<sup>9</sup>). Depois ela colocou uma parte do dinheiro na bolsa e me deu 25 mil cfa em mãos, lembro como se fosse ontem e ela disse que aquele dinheiro era meu lucro. Pensei comigo, este é praticamente cinco vezes mais do que consigo lavando ou passando roupa por três dias seguidos. Não consegui acreditar que peguei aquele montante em único dia e quando ela me disse que descontou o dinheiro do meu transporte e também o valor que usou para comprar os produtos pensei, porque ainda não deixei este trabalho que só me dá dor de corpo e sem rendimento. Foi assim que comecei a vender e não pretendo deixar este trabalho para fazer outro. (Djú, Caracol: 20 de outubro de 2024.)*

A fala de Tia Nené demonstra as dificuldades que ela teve que passar para se estabelecer como bidera. O entendo como uma saída aceitável levando em conta a situação em que ela se encontrava. Veja bem, se o que recebeu da amiga era cinco vezes mais do que ela conseguia fazer lavando ou passando roupa, com certeza teria dores de corpo e o dinheiro que ganhava como este trabalho não daria nem para tratamento. Por isso, é muito comum as mulheres que

---

<sup>9</sup> Funcionário de câmara: responsáveis pela limpeza e retirada dos lixos nas avenidas e nas feiras. também são responsáveis pela coleta dos impostos dos vendedores.

moram na capital fazerem este tipo de trabalho (lavar, passar, realizar tarefas domésticas para outros). Porque lembro de uma vizinha que morava no interior, ela veio para Bissau depois do casamento e costumava lavar e passar roupas, mas agora vende ao lado da minha irmã.

A outra entrevistada que começou a vender por motivos muito diferentes das de Tia Nené Djú é a Tia Bebe N’Deque, que era uma professora num dos quatro liceus nacionais da cidade de Bissau antes da guerra civil. Nas falas da Tia Bebé:

*Eu era professora antes de sete de junho, tentei voltar a lecionar depois da guerra civil, mas não conseguia mais. Tirando o fato de que o dinheiro que ganhava com compra e venda de produtos era superior ao meu salário como professora, o Estado também não pagava o tal salário a tempo levando a greves por semanas ou até meses e isso acaba atrapalhando não só com as despesas mais também na educação dos meus filhos. Achei melhor continuar a vender porque perdi meu marido na guerra, eu era a única pessoa com quem as crianças podiam contar. (N’Deque, Tambarina: 21 de outubro de 2024.)*

Muitas entrevistadas têm o sonho de fazer algum tipo de trabalho que não seja só vender, a maioria dessas que querem fazer outro trabalho são as que cresceram vendo algum membro de suas famílias fazendo-o, como é o caso de Dina (minha irmã), Indira e Mirna Monteiro. Dina afirma: “*Na verdade, já trabalhei numa empresa privada, mas fui demitida sem aviso. E como já ajudava a minha mãe nos finais de semana decidi começar a vender. Fiquei sabendo pelas meninas que trabalhavam comigo que a outra que entrou no meu lugar era a sobrinha do chefe, mas ainda tenho sonho de fazer uma outra coisa*” (Dina, 2024).

Para Indira (2024), ser bidera é uma escapatória temporária. A entrevistada tem sonhos de estudar gestão ambiental e viajar para outros lugares com a intenção de pesquisa.

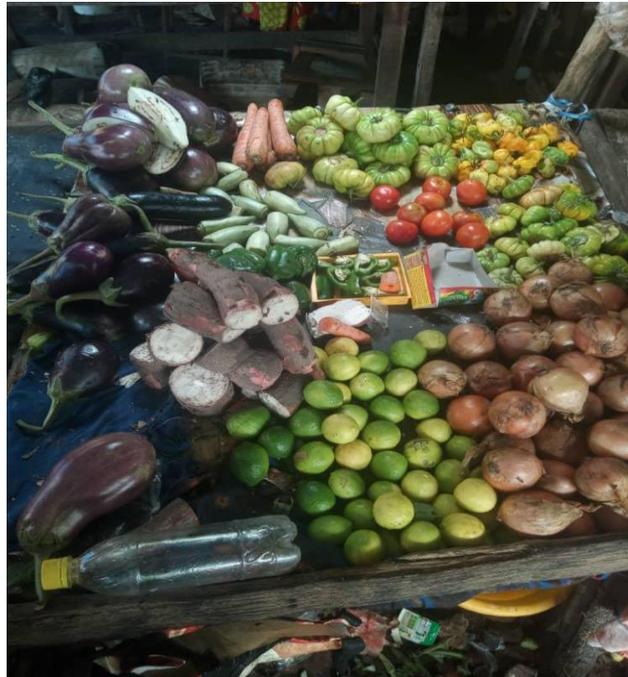
*Terminei o colégio há três anos, perdi meu pai no mesmo ano e comecei a vender com a minha mãe para guardar umas economias e fazer o curso que sempre quis, mas está difícil. Quando comecei a vender, minha mãe era contra porque sempre dizia que só ela bastava e que não queria que as filhas tivessem que passar pelo o que ela passa acordar no meio da madrugada e pegar a estrada que muitas das vezes tem pessoas com más intenções. (Ela mesma já foi assaltada duas vezes e ela nem podia registrar o boletim de ocorrência porque as lâmpadas dos postes estavam quebradas e ela não tinha como identificar os agressores). É difícil e perigoso, eu sei, mas precisamos continuar. Ela para pagar aluguel, escola e alimentação de minhas irmãs mais novas e eu para economizar para os meus estudos. (Indira, São Paulo: 23 de outubro de 2024.)*

Já a outra entrevistada, Mirna Monteiro, precisou trancar o curso de pedagogia porque a mãe sofreu um acidente quando estava voltando de *lumo* e ainda não se recuperou totalmente.

*Faz pouco mais de um ano desde que fiquei no lugar da minha mãe como já te disse ela sofreu acidente. Logo depois do acidente eu ia vender no lugar dela, vendia até*

*13 horas, voltava para casa para cozinhar buscar água e me preparar para ir para faculdade, saía da faculdade por volta das 18 horas e ia direto para feira comprar produtos para vender no dia seguinte. Chegava em casa por volta das 20 horas, fazia minhas tarefas domésticas e acadêmicas até às 21-22 horas e só aí descansava. Esta jornada durou uns três meses e minha mãe não melhorou, então decide trancar a faculdade e cuidar de tudo, pelo menos até ela ficar totalmente bem. (Monteiro, São Paulo: 23 de outubro de 2024)*

**Imagem 3** - Produtos *kusa sinhus* (legumes e verduras) tirada em Tambarina



Fonte: Noemia Saraiva (2024).

**Imagem 4** - Peixe (bagre) fumado, foto tirada em Caracol



Fonte: Noemia Saraiva (2024).

**Imagem 5** - Arroz, feijão, amendoim, milho preto etc. Foto tirada em São Paulo



Fonte: Noemia Saraiva (2024).

As falas das entrevistadas mostram como é a realidade de mulheres que foram forçadas a entrar no mercado informal como uma forma de assegurar o sustento de seus familiares e com base em todos os autores estudados, as entrevistas feitas e dados coletados posso afirmar que as mulheres têm dado suas contribuições para o desenvolvimento da Guiné-Bissau há um bom tempo. Uma vez que com o dinheiro obtido através do seu trabalho, elas pagam a dona/o do espaço onde vendem e as taxas impostos pelo Estado e sem esquecer da educação dos filhos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho procurei trazer autores, informações e dados coletados das entrevistas para mostrar como o trabalho das mulheres e principalmente das mindjeris bideras tem sido o alicerce do desenvolvimento socioeconômico da Guiné-Bissau. Também para demonstrar as dificuldades enfrentadas por estas mulheres no que se refere à educação, saúde e alimentação dos filhos e não só, porque a sua maioria são filhas e mães solas, ou alguém que precise cuidar de um familiar doente.

Já deve ter ficado claro que o trabalho informal ou a informalidade ocupa diferentes áreas do comércio e a maioria destes trabalhos são realizados por mulheres que entram para o mercado informal como uma forma de proteger a sua família, dando a elas a autonomia de se cuidar e resolver seus problemas; uma vez que o Estado não paga o salário do trabalhador formal (exemplo de tia Bebe) e sem esquecer o fato de ter muita concorrência nas empresas privadas e principalmente se não conhece alguém que pode te ajudar a manter o cargo.

Em síntese, o trabalho informal realizado por mindjeris bideras tem dado grandes contribuições na educação, saúde e alimentação mesmo elas fazendo este trabalho como forma de manter suas famílias, essas contribuições impactam diretamente na economia guineense. Vale ressaltar, o trabalho informal realizado pelas mindjeris bideras apresenta dificuldade, assim como qualquer outro trabalho, mas ficou claro que as suas vantagens são de grande importância para o crescimento econômico e o desenvolvimento do país. No entanto, seus esforços não têm recebido o devido valor. Mesmo as mulheres pagando impostos ao Estado, suas contribuições continuam sendo negligenciadas.

## REFERÊNCIAS

- BANCO MUNDIAL. **Guiné-Bissau**. Disponível em: [Guiné-Bissau Overview: Notícias de desenvolvimento, pesquisa, dados | Banco Mundial](#). Acesso em 06 de nov. de 2024.
- BANCO AFRICANO DE DESENVOLVIMENTO. Perspetiva Económica da Guiné-Bissau. Disponível em: <https://www.afdb.org/pt/paises/africa-ocidental/guine-bissau>. Acesso em 30 de nov. de 2024.
- BARBOSA, A. F. O conceito de Trabalho Informal, sua evolução histórica e o potencial analítico atual: para não jogar a criança fora junto com a água do banho. *In*: OLIVEIRA, R.V.; GOMES, D.; TARGINO, I. (Org.). **Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 105-159.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- DRUK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **CADERNO CRH**, Salvador, v. 24, p. 37-57, 2011.
- GOMES, Patrícia, Godinho. **As mulheres do sector informal Experiência na Guiné-Bissau**. Disponível em: [\(PDF\) As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau | Patricia Godinho Gomes - Academia.edu](#). Acesso em: 5 nov. 2024.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Flavia Rios & Márcia Lima Manual Organizadoras, Zahar 2020.
- LOPES, Carlos, M. **Candongueiros, kinguilas, robóticas e zungueiros: uma digressão pela economia informal de Luanda**. Lusotopie, 2006.
- MAIA, Ana Cláudia, Bortolozzi. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo**. – Manual Didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- MARTINS, Rosiani Sanca. **Participação das mulheres guineenses no mercado informal e suas contribuições para o crescimento da economia do país**. 2022. 17 f. Trabalho de

Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2022. Disponível em: [repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2586](https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2586)

MCFADDEN, Patrícia. Tornamo-nos Feministas Africanas Contemporâneas: Histórias femininas, legados e os novos imperativos. **Série Diálogo feminista**, Maputo, n° 1, nov. 2016.

MOSCA, João. **Pobreza, economia “informal”, informalidades e desenvolvimento**. II Conferência IESE Dinâmicas da Pobreza e Padrões de Acumulação Económica em Moçambique, abr. 2009.

OYEWUMI, Oyeronke. **The Invention of Womem: Making an African Sense of Western Gender Discourses**. ( University of Minnesota Press). 1997.

PERES. Thiago Brandão. Informalidade: um conceito em busca de uma teoria. **Revista da ABET**, v. 14, n. 2, Ju.l a Dez. de 2015.

PRADO, Ney. **Economia informal e o direito no Brasil**. São Paulo Ltr., 1991.

SANCA, Ilda. **A inserção das mulheres no mercado de trabalho na Guiné-Bissau**. Porto Alegre RS, 2014. Dissertação (Bacharel em Administração) - Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

TELO. Florita C. António. Mulheres e comércio (informal) em Luanda: um olhar para além da crise pandémica de Covid19. **DADOS: Revista Espaço Acadêmico** -Edição especial, jun. de 2021.

VAZ, Paulo Gomes. **As “sacoleiras” a Serviço do Capital: um estudo sobre as Africanas nos Circuitos Globais de Mercadorias**. Salvador BA, 2018. Dissertação (Doutorado Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia.

VIEIRA. Aparicio Marques. **Economia do cotidiano: críticas as denominações eurocênicas de categorias de trabalho na Guiné-Bissau**. 2023. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023. Disponível em: [repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3471](https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3471)